



XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã



TECENDO REDES DE EMPREENDEDORISMO MATERNO: a importância de redes de apoio para mães atípicas empreendedoras ¹

Patrícia Carla Gonçalves Salvatori - Universidade São Judas Tadeu

RESUMO

A vida das mulheres que são mães de pessoas com deficiência tem sido objeto de estudo de Salvatori (2021; 2023). Mães atípicas enfrentam desafios de cuidados, de falta de políticas públicas, de abandono conjugal, de invisibilidade por parte das empresas e da sociedade. A partir da reconstituição da maternidade e sua relação com o trabalho no Brasil, este estudo quantitativo por meio de questionário de autopreenchimento online teve como objetivo mapear a percepção de mães atípicas brasileiras sobre a formação de redes de empreendedorismo como caminho para o fortalecimento da cidadania destas mulheres.

PALAVRAS-CHAVE

Diversidade; Empreendedorismo materno; Maternidade atípica; Redes de apoio.

INTRODUÇÃO

Diz um provérbio africano que é necessária uma aldeia inteira para criar uma criança. Trata-se de um pensamento acolhedor, que demonstra um fundamental senso de coletividade para uma das funções mais complexas e desafiadoras para o ser humano, de educação dos filhos. Será que as mães de pessoas com deficiências, chamadas de mães atípicas, que são as maiores responsáveis pelos cuidados com os filhos e do ambiente doméstico no Brasil, dispõem de “aldeias” ao seu lado? Elas podem contar com redes de apoio, para conciliarem sua atuação como mulheres, mães, cidadãs e profissionais?

Enquanto 50% das mulheres em geral que se tornam mães são demitidas em até doze meses posteriores à licença maternidade (MACHADO; PINHO NETO, 2017), o índice de mães atípicas que têm suas carreiras interrompidas é de 70% (SALVATORI, 2023). Um terço dessas mulheres migra de empregos CLT para o empreendedorismo, formal ou informal. Dentre as mulheres que param de trabalhar, metade gostaria de atuar como empreendedora/autônoma. Ou seja, o empreendedorismo surge como uma tábua de salvação como uma fonte de geração de renda possível e compatível com as demandas domésticas/familiares.

¹ Trabalho apresentado no **GT5 – COMUNICAÇÃO E INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS** da XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2024, de 11 a 13 de junho de 2024, na Universidade São Judas (Paulista), São Paulo-SP.

Assim como o caminho para o empreendedorismo para essas mulheres se dá mais por razões de necessidade do que pelo senso de oportunidade, o objetivo do estudo é compreender de que forma as mães atípicas se envolvem em redes de apoio ao empreendedorismo e em que medida elas conseguem identificar eventuais necessidades de suporte profissional.

METODOLOGIA

Este estudo, com método quantitativo e amostragem probabilística, se propôs a mapear a percepção de mães atípicas brasileiras sobre a formação de redes de empreendedorismo como caminho para o fortalecimento da cidadania destas mulheres. Por meio de um questionário de autopreenchimento online, o levantamento foi divulgado nas redes sociais digitais da autora (Facebook, Instagram e LinkedIn) e compartilhado em grupos de discussão sobre maternidade atípica e sobre empreendedorismo materno.

REFERENCIAL TEÓRICO

Mães atípicas costumam enfrentar uma série de desafios nas diversas esferas de suas vidas. As demandas adicionais de cuidados se somam ao alto índice de abandono conjugal, a partir do machismo, que minimiza a responsabilidade dos pais e sobrecarrega a responsabilidade das mulheres. Também são recorrentes as preocupações financeiras com cuidados médicos, terapias e/ou equipamentos, ao passo que cerca de 70% destas mulheres têm suas carreiras interrompidas e grande parte migra ou pretende migrar para o empreendedorismo. (SALVATORI, 2023)

Segundo o relatório GEM (2020), o empreendedorismo é uma decisão equilibrada entre homens e mulheres, porém à medida que os negócios se consolidam, a presença masculina se sobrepõe. De acordo com o relatório, mulheres optam por empreender em momentos de crises financeiras, mais por necessidade do que por escolha; há maior concentração de mulheres em negócios de atividades domésticas, com concorrência maior; e mulheres optam mais por serviços domésticos e de cuidados de familiares.

De acordo com Tanure (2014), mulheres ingressam no empreendedorismo, inclusive de baixa renda, para suprir suas necessidades financeiras e pela possibilidade de conciliar trabalho com dedicação à família, e grande parte do fortalecimento de uma rede de mulheres surge a partir de mobilização pela internet. Incentivadas pela disseminação das mídias sociais digitais, surgem novas relações de afeto, de apoio e de negócios. É o poder multidimensional de Castells (2013), que se organiza em torno de redes de comunicação, de acordo com os interesses dos atores, aqui atrizes, e se altera a partir de redes de resistência e mudança social.

Os atores da mudança social são capazes de exercer influência decisiva utilizando mecanismos de construção do poder que correspondem às formas e aos processos do

poder na sociedade em rede. Envolvendo-se na produção de mensagens nos meios de comunicação de massa e desenvolvendo redes autônomas de comunicação horizontal, os cidadãos da era da informação tornam-se capazes de inventar novos programas para suas vidas com as matérias-primas de seu sofrimento, suas lágrimas, seus sonhos e esperanças. Elaboram seus projetos compartilhando sua experiência. Subvertem a prática da comunicação tal como usualmente se dá ocupando o veículo e criando a mensagem. Superam a impotência de seu desespero solitário colocando em rede seu desejo. Lutam contra os poderes constituídos identificando as redes que os constituem. (CASTELLS, 2013, p. 18)

Para Freire (2018), a cidadania pode ser produzida a partir de processos de educação libertadora, que gerem tomada de consciência sobre seu papel social e a percepção clara da realidade em que se vive. A busca pelo pertencimento impacta pessoas, organizações e sociedade.

Conforme as mulheres são forçadas a abrir mão de seus interesses, projetos e oportunidades para lidarem sozinhas com os cuidados dos filhos, há impactos econômicos, sociais e políticos profundos: o PIB médio per capita poderia ser 20% mais alto se as desigualdades profissionais entre homens e mulheres fossem eliminadas, de acordo com o relatório *2024 UNDP Trends Report* (2024). Para Kittay (2020), enquanto as responsabilidades de cuidados recaírem desproporcionalmente sobre as mulheres, uma igualdade construída irá falhar desproporcionalmente para as aspirações destas mulheres.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante dos desafios enfrentados pelas mães atípicas no Brasil, a necessidade de uma rede de apoio profissional se torna ainda mais premente. Como evidenciado no estudo, o empreendedorismo surge não apenas como uma fonte de renda, mas também como uma das únicas possibilidades viáveis para conciliar as demandas familiares e profissionais de muitas famílias. No entanto, a jornada empreendedora dessas mulheres muitas vezes é marcada por obstáculos, especialmente quando se trata da falta de suporte e redes de apoio.

Os resultados do estudo contribuirão para a importância de fortalecer e ampliar as redes de apoio ao empreendedorismo para as mães atípicas, garantindo que tenham acesso a recursos, capacitação e suporte profissional necessário para prosperar em seus negócios. Além disso, ressalta a necessidade de políticas e práticas que promovam equidade de gênero e a inclusão no mercado de trabalho, proporcionando oportunidades igualitárias para todas as mulheres, considerando todas as interseccionalidades.

À medida que nos aproximamos de uma compreensão mais profunda das experiências e desafios enfrentados pelas mães atípicas empreendedoras, é fundamental que continuemos a trabalhar juntas para criar um ambiente mais acolhedor e inclusivo para todas as mulheres e suas famílias. Que o estudo sirva como um ponto de partida para futuras pesquisas e ações que promovam o

empoderamento e a inclusão das mães atípicas empreendedoras, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária.

Referências

CASTELLS, M. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FREIRE, P. Pedagogia da Tolerância. 6a edição. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GEM - Global Entrepreneurship Monitor Empreendedorismo no Brasil: 2019. Curitiba: IBQP, 2020.

KITTAY, E. F. Loves labor: essays on women, equality and dependence. 2a edição. Nova Iorque: Routledge, 2020.

MACHADO, C.; PINHO NETO, V. Consequências da licença maternidade no mercado de trabalho. Políticas públicas: evidências do Brasil. 2017.

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. 2024 UNDP Trends Report: The Landscape of Development, 2024. Disponível em: <https://www.undp.org/future-development/publications/2024-undp-trends-report-landscape-development>

SALVATORI, P.C.G. Ativismo em um mundo (im)perfeito: relações públicas e cidadania para pessoas com deficiência. 2021. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

SALVATORI, P.C.G. Trabalhos além da maternidade atípica: mapeamento sobre empreendedorismo e mídias digitais. Anais do XVII Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas. Rio de Janeiro, 2023.

TANURE, P. T. Empreendedorismo e família: quando flexibilizar horários se torna uma sobrecarga para as mulheres. 2014. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2014.